

Revista de Literatura,
História e Memória

Dossiê 90 anos da Semana de
Arte Moderna no Brasil

ISSN 1809-5313

VOL. 8 - Nº 11 - 2012

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 96-110

LÉLIO DO HIGINO – EM BUSCA DO AMOR

PINHEIRO, Valter Cesar (UFS)¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo seguir a trajetória de Lélio do Higinio, protagonista da narrativa “A estória de Lélio e Lina”, de João Guimarães Rosa. Neste percurso, buscamos examinar a evolução da personagem e o caminho que a leva à compreensão do amor. Foco narrativo, tempo, espaço e composição das personagens são, igualmente, objetos de nossa leitura.

PALAVRAS-CHAVE: literatura brasileira; narrativa; Guimarães Rosa

ABSTRACT: The aim of this article was to analyze the course of life led by Lélio do Higinio, protagonist of João Guimarães Rosa’s narrative, “A Estória de Lélio e Lina” (“The Story of Lélio and Lina”). In our endeavor, we sought to examine Lélio’s evolution and the path that leads to understanding love. Also included in the scope of our reading were the focus of the narrative, time, space and character construction.

KEY-WORDS: Brazilian literature; narrative; Guimarães Rosa

Escrita por João Guimarães Rosa, *Corpo de Baile* foi publicada em 1956 pela Livraria José Olympio Editora. Por determinação do autor, a obra, composta por sete narrativas, passou a ser impressa em três volumes separados: *Manuelzão e Miguilim* (com “Campo Geral” e “Uma estória de amor”), *Noites do Sertão* (“Buriti” e “Dão-Lalalão”) e *No Urubuquaquá, no Pinhém* (“O recado do morro”, “Cara-de-Bronze” e “A estória de Lélio e Lina”). Atualmente esses livros são editados pela Editora Nova Fronteira.

“A estória de Lélio e Lina” foi classificada como romance pelo autor. Conta a saga de um vaqueiro pelas terras do Pinhém. “De alma esvaziada, nem legítima saudade”, Lélio do Higinio chega à fazenda de Seo Senclér em busca de um destino. Na cabeça, apenas o desejo de esquecer um amor não correspondido.

Dona Rosalina, a quem passa a chamar de Lina, torna-se, dentre as mulheres com as quais se relaciona, a amiga especial – a conselheira. Lélio, então, conhece

várias pessoas e, por meio delas, diversas formas de conceber a vida. Pensa no amor. Vivifica-o no plano físico com as prostitutas Tomázia e Conceição e com a negra Jiní. O vaqueiro questiona o amor antigo pela Mocinha do Paracatu e, em momentos distintos, antevê em Manuela e Mariinha o seu destino. Mas, um ano depois, retoma o seu caminho: acompanhado por Lina, parte pelos Gerais afora.

Este artigo refaz o percurso de Lélío do Higino pelo Pinhém. Acompanhando-o em sua travessia, tem por objetivo esclarecer a evolução do destino da personagem e o caminho por ela trilhado rumo à conquista do pleno amor.

*

A narrativa inicia-se numa tarde, com a chegada de um vaqueiro a uma fazenda do Pinhém. Era o mês da "entrada-das-águas": "e as boiadas bravas, trazidas de outros sertões, já ao primeiro trovão de outubro se lembravam de lá e queriam a arribada..." (ROSA, 2001, p. 175)². Seo Senclér – o proprietário da fazenda – e os empregados observavam da varanda o rapaz que chegava a cavalo, na companhia de um cão:

[...] rapaz moço, boa cara e comum jeito, sem semelho de barba nenhum, ar de novidade; com sua roupinha bem tratada: só o chapéu-de-couro baixava muito, maior que a cabeça do dono. [...] O cavalo – recém-ferrado dos quatro, relimpo de liso – estava vistoso: assim alto oito palmos da cernelha ao casco, com as largas malhas vermelhas desenhadas em fundo belo branco. Mal aí o cachorro, esse triste. (p. 176).

O moço apeou-se e apresentou-se a Seo Senclér: chamava-se Lélío do Higino. A primeira referência à personagem principal da história indica tratar-se de um "bom moço", com características compatíveis com as dos mocinhos das novelas de cavalaria. Higino vinha de fora, montado num belo cavalo, e trazia consigo um cachorro encontrado no caminho. À delicadeza das feições acrescenta-se a suavidade de seu nome (a aliteração da constrictiva lateral // sugere fragilidade).

No diálogo entre o proprietário da fazenda e o forasteiro, este revela como encontrara o animal: "Topei vagueando à avessa no oco do cerradão, em distância de três dias..." (p. 176). Ter sido conduzido ao Pinhém pelo cachorro que pertencia a Dona Rosalina é o prenúncio do encontro entre o jovem vaqueiro e aquela velhinha.

Quando indagado acerca do que o trazia àquelas terras, Lélío respondeu: “Só saudade de destino” (p. 178). E sobre seu estado civil (“Você é solteiro, então?”), esclareceu: “Nhor sim, solto, solto” (p. 178).

Antes de deitar-se, Lélío banhou-se. O contato com a água, símbolo de purificação e de regeneração, fê-lo perceber que “estava de alma esvaziada, forro de sombra arrastada atrás, nenhum peso de pena, nem preocupo, nem legítima saudade. Ia-se dar, no Pinhém” (p. 180). Ora, o que intuímos é a sensação, apreendida pela própria personagem, de que uma vida nova se abre para ela. O pouco que havia vislumbrado daquele vilarejo indicava tratar-se de um lugar especial: “era a felicidade de terrão e relva, em ilha farta” (p. 178).

A caracterização do tempo exterior no momento em que a narrativa se inicia é um dado bastante relevante: se o tempo natural corresponde ao fim de tarde (horário do crepúsculo), o tempo cronológico remete ao mês de outubro (e, por conseguinte, à primavera); enquanto o primeiro indica algo que está declinando, próximo do fim, o segundo é o símbolo do nascimento, do florescimento, do recomeçar. E era esta a sensação experimentada por Lélío no momento em que se deitava e fazia suas reflexões:

[...] Já se abençoava de ter vindo para o Pinhém; principalmente, se conseguia solto, dono de si e sem estorvo. Era um novo estirão de sua vida, que principiava. Antes, nos outros lugares onde morara, tudo acontecia já emendado e envelhecido, igual se as coisas saíssem umas das outras por obrigação sorradeira – os parentes, os conhecidos, até os namoros, os divertimentos, as amizades, como se o atual nunca pudesse ter uma separação certa do já passado; e agora ele via que era dessa quebra que a gente precisava às vezes, feito um riachinho num ribeirão ou rio precisa de fazer barra. (p. 182-183).

Lembrou-se da Mocinha do Paracatu, a moça de quem julgava gostar. Expõe pensamentos que indicam tratar-se de um amor que se dá somente no plano espiritual, tal como o dos trovadores da Idade Média. Mas este sentimento desenvolveu-se nele menos por uma “concepção cavalheiresca” ou filosófica do que por um fato da própria realidade: Mocinha não lhe dava a menor atenção...

É na esteira das observações da própria personagem que podemos estabelecer um paralelo entre a relação de Higinio com Mocinha e o amor cantado pelos trovadores às suas damas. “Ela era toda pequenina, brancaflor, desajeitadinha, garbosinha, escorregosa de se ver” (p. 184). Assim era Mocinha. Sua descrição

muito se aproxima da *mesura* dos cantadores medievais, não citando outras partes do corpo além dos olhos (“dum brilho solto, que amadurecia, fazendo a gente imaginar em anjos e nas coisas que os anjos só é que estão vendo”, p. 184), os cabelos (“quase acobreados, cortados curto”, p. 186) e os pés (“nunca antes soubera que pudesse haver uns pezinhos assim, bonitos alvos e rosados, aquela visão jamais esqueceria”, p. 187-188), O próprio fato de não se referir a ela pelo nome remete à necessidade do *senhal*, tabu em torno do nome da dama. Ainda no que diz respeito ao aspecto físico, a alvura da pele (“brancaflor”) e o avermelhado do cabelo aproximam Mocinha do ideal de beleza cortês (retrato tradicional: “Mia Senhor branca e vermelha”)³.

A relação social estabelecida entre ambos – Lélío como empregado do pai de Mocinha – assemelha-se muito ao esquema social feudal de suserania e vassalagem. Ele “tinha vexame de tudo o que era e do que não era” (p. 185), ao passo que ela era “moça fina de luxo e rica, viajando com sua família cidadôa; gente tão acima de sua igualha” (p. 184).

O amor não correspondido fomentou nele o sofrimento (*coita amorosa*) devido à sua impotência diante do inalcançável – “Ela [Mocinha] doía um pouco” (p. 184). Autêntica *dame sans merci*, Mocinha “não lhe dava atenção maior, nele nem reparava” (p. 184). Isto não o impedia, contudo, de manter-se submisso a ela: “Se ela olhasse e mandasse, ele tinha asas, gostava de poder ir longe, até à distância do mundo, por ela estrepolar, fazer o que fosse, guerrear, não voltar – essas ilusões” (p. 185-186), “...carecia, necessitava de servi-la, de oferecer-lhe alguma coisa” (p. 187). Não obstante, tal qual um *fenhedor* que não tenha superado o estágio de contemplação distante, partiu sem revelar a ela o seu sentimento.

Entretanto, no exato momento em que nela pensava (e nisto voltamos ao ponto onde havíamos parado ao iniciarmos esta comparação: a reflexão de Lélío ao deitar-se), percebeu o quanto lhe faltara para a realização desse amor. Naquele instante, porém, o que ele desejava de fato era a companhia de “outras mulheres, de carinhos fortes” (p. 188).

Quando amanheceu, Lélío partiu para campear, juntamente com os demais vaqueiros. Acompanhou-o Delmiro, que aproveitou o trajeto para discorrer sobre a vida dos outros empregados da fazenda. Seus comentários a respeito de todos (Lorindão, Lidebrando, Soussouza, Pernambo, Placidino, J’sé-Jórjo, Canuto, Fradim, Tomé Cássio, Aristó, e também Seo Senclér e as “Tias”) têm para Lélío significativa importância, visto que, na noite anterior, suas conjecturas em relação aos novos conhecidos tinham sido de caráter estritamente físico – apenas notações de ordem externa. Delmiro dava-lhe, em poucas palavras, características das pessoas que ali moravam. Verdadeiros ou não, foram estes comentários a primeira fonte de informa-

ções com as quais Lélío travou conhecimento que versavam sobre caracteres internos, psicológicos, dos moradores daquela região.

Ao longo do dia, Lélío, posto à prova por Aristó, demonstrou sua aptidão para o trabalho. Este, então, ordenou-lhe que seguisse o rastro de Bambarra, uma vaca fugida, ao lado de Canuto. Se a companhia de Delmiro havia sido útil para sua adaptação ao Pinhém, conversar com Canuto, com quem Delmiro não tinha boas relações, foi ainda mais esclarecedor. Isto lhe possibilitou fazer uma leitura mais acurada não somente dos dois homens com quem conversara ao longo do dia, mas de todo o vilarejo. A importância deste fato se amplia quando colocado dentro de um aspecto mais geral – a relatividade das coisas -, conceito que será fundamental no desenrolar da vida do forasteiro do Pinhém.

No final do dia, retornando à sede da fazenda em companhia de Tomé Cássio, Lélío conhece a mulher de seu companheiro de trabalho, Jiní. O olhar de Lélío para Jiní em muito difere do direcionado à Moça do Paracatu, pois é carregado de sensualidade:

Era nova, muito firme, uma mulata cor de violeta. A boca vivia um riso mordido, aqueles dentes que de brancos aumentavam. Aí os olhos, enormes, verdes, verdes que manchavam a gente de verde, que pediam o orvalho. [...] o desliz do corpo, os seios pontudos, a cinturinha entrada estreita, os proibidos – as pernas... (p. 205-206).

A visão de um corpo que mexeu com seus instintos mais recônditos tornou a segunda noite de Lélío do Higinio no Pinhém completamente diferente da primeira. “O figura da mulatinha cor de violeta mandava em todas as partes onde batia seu sangue. Aumentava o volume de seu corpo” (p. 214).

Paralelamente à percepção de seu desejo, Lélío admirou-se com a quantidade de coisas que aprendera naquele dia: “com um dia passado no Pinhém, o sentir era o de que tivesse já vivido ali um tempo de anos, tanto tantas pessoas e coisas pequenas dançavam se tecendo na boca do vazio das horas grandes” (p. 214). Esta sensação, correspondente ao tempo interior da personagem, mostra o quão diferente e relativo é, para Lélío, o tempo externo, quando comparado ao interno. Lélío ali chegara havia pouco mais de 24 horas. Entretanto, tinha a sensação de que vivera, naquele curto espaço de tempo, uma existência muito maior.

No dia seguinte, sexta-feira (Lélío chegara ao Pinhém, portanto, em uma quarta-feira), Lélío voltou ao campo na companhia de Lorindão e Soussouza. Como

eles eram os “donos” das moças bonitas e em idade de casar (Lorindão era pai de Mariinha; Soussouza, cunhado de Manuela), Lélío viu ali possibilidades de concretizações futuras (em outras palavras, o casamento com alguma das duas jovens).

Passou-se o dia. Chegou o sábado. A expectativa em torno do dia seguinte (domingo era dia de ir às “Tias”) devorava-o. Em suas meditações, almejou uma vida “correta”:

[...] logo carecia de calçar consciência com ruma de pensamentos sérios, tenção de homem-de-bem: fazer como o Delmiro, determinar o certo da vida. De segunda-feira em diante, cuidava daquilo, firme. Pôr dinheiro de parte, levantar suas paredes de paz, casinha de telha e taipa; e se casava. Uma salinha, com banco e rede, e uma mesa atalhada, no meio dela a jarra com flor (p. 219).

Para Lélío, esta é a imagem concretizada da felicidade. Não apenas para ele, aliás. A imagem descrita acima está repleta de estereótipos, pois é o própria representação do que seria uma vida “regrada”, o “certo da vida”: dinheiro, casa, mulher.

Tantos fatos novos acontecendo simultaneamente, tantas novidades, propiciaram a Lélío um processo de pleno amadurecimento. Até aquele momento, entretanto, ele ainda não tinha compreendido bem qual era o seu desejo. Vislumbrando apenas a sua vontade mais imediata (encontrar-se com as prostitutas do lugar), encrava o fato como “coisa de intervalo”.

Finalmente chegou o domingo. Dia de ir à *prostibula publica*. Como observou Benedito Nunes, em seu ensaio “O amor na obra de Guimarães Rosa”, a prostituição adquire na obra roseana um papel relevante. O amor carnal é praticado “com a mestria de quem exerce uma arte, com o entusiasmo de quem pratica um ato vital, inesgotável, refratário ao enfado e à rotina” (1969, p. 149).

Local público, o *prostibulum* não é, de modo algum, um lugar fechado. Instaladas no local pelo Seo Senclér, Tomázia e Conceição estavam plenamente integradas à sociedade: além dos “serviços prestados” (“[...] se consentiam às fartas, por prazer de artes”, p. 224), lavavam as roupas da fazenda, costuravam e – detalhe importante! – não recebiam dinheiro algum pelo trabalho oferecido. Amáveis, dadas e alegres, ofereciam aos vaqueiros toda a sua generosidade.

Sendo um lugar público, ninguém o frequentava às escondidas. Neste caso, a prostituta não se opõe à família – não contradiz nem subverte a ordem conjugal.

Daí a restrição que Pernambuco fez a Lélío quando este se referiu àquelas como “raparigas”. Elas rejeitavam essa denominação. Tratava-se de um local de saúde, de concretização de um ato vital, onde só ingressavam aqueles que não tinham “doenças-de-rua”.

Lélío conheceu as duas mulheres, diferentes na arte do amor e no aspecto físico: Tomázia era branca e magra; Conceição era negra e “cheia de corpo”. As duas lhe agradaram. Contudo, “um desgosto caíra no coração de Lélío, pequeno e dono em poder como uma sementinha” (p. 229). “A tristeza em Lélío aumentava” (p. 230): o incômodo e a tristeza refletiam o vazio que tinha significado para a personagem o ato que acabara de realizar. Isentou as prostitutas pelo desgosto de que se via acometido (“Não pelo em-ser daquelas duas mulheres. Somente saudáveis” – p. 229). Embora tenha sido prazeroso, Lélío percebeu no ato que realizara toda sua incompletude.

Ao partir, na companhia de Delmiro, este lhe expressou a mesma ideia de remorso que estava sentindo, o que o surpreendeu. Ora, este julgamento toma assim configuração de verdade: a concretização do amor somente no plano físico não dá ao homem a sensação de totalidade.

Recém-saído de um envolvimento que não saiu da esfera espiritual (e com o agravante de não ser correspondido), Lélío chegou ao Pinhém com vontade de mudar. Se, conforme já foi dito, o seu desejo imediato era o de “conhecer outras mulheres, de carinhos fortes” (p. 188), o contato com as “Tias” lhe propiciava esta satisfação. Por que então ele estava incomodado?

Seguindo sem rumo, emaranhado em suas reflexões, Lélío parou diante do que viu: “vestida de claro, ali perto, de costas para ele, uma moça se curvava, por pegar alguma coisa no chão. Uma mocinha” (p. 232). O estado de arrebatamento no qual Lélío imergiu “era um estado – sem surpresa, sem repente – durou como um rio vai passando. A gente pode levar um bote de paz, transpassado de tranquilo por um firo de raio” (p. 232), durou até o momento em que ele contemplou os olhos dela “que, tivessem de chorar, de alegria só era que podiam...” (p. 232).

Saindo do estado de contemplação, Lélío observou que se tratava de uma velhinha e não de uma moça, retornando assim ao estado de consciência: “Mas; era uma velhinha: Uma velha... uma senhora” (p. 233). A gradação (que parte do emotivo, afetivo, para o racional: velhinha, velha, senhora – termos separados por exclamação e reticências) indica o retorno à realidade, mas o momento vivido ficaria para sempre marcado em sua memória.

Lélío se ofereceu para carregar os gravetos que ela tinha juntado, e os dois iniciaram um diálogo. Ao ouvir a voz de Rosalina, despertou nele “a ideia – próprio

se ele fosse o rapazinho da estória: que encontrava uma velhinha na estrada, e ajudava-a a pôr o atilho de lenha às costas, e nem sabia quem ela era, nem que tinha poderes..." (p. 234).

Esta passagem remete a um conto infantil popular, no qual Nossa Senhora, disfarçada de uma velhinha em dificuldades para carregar o seu feixe de lenhas, testa a caridade dos transeuntes. Aquele que a ajuda é contemplado com a satisfação de um desejo. A ideia de que Rosalina poderia ser esta senhora permaneceu na cabeça de Lélío, visto que, momentos depois, ao contar para ela a história da Mocinha do Paracatu, "que ele mesmo não sabia se era amor ou se era só bobagem" (p. 241), ele teve, por instantes, a esperança de que algum milagre pudesse acontecer: "Por aquele sério, num momento Lélío doidamente pensou no possível de qualquer coisa, como se de repente ela fosse capaz de trazer ali a Sinhá-Linda, gostando dele, estória de sonho" (p. 241).

Avançada em idade, próxima do fim da vida – no "desaflor" –, Rosalina é portadora de uma sabedoria que Lélío levaria tempo a depreender: a relação corpo/alma. Quando ela faz observações como "Agora é que você vem vindo, e eu já vou-m'embora..." (p. 238), ela sabe que ele ainda está no período de valorização do corpo, do aspecto carnal do amor, e não o condena por isso: pelo contrário, vê na sexualidade uma condição absolutamente necessária para a realização do amor, é a concretização do sentimento no plano terreno. Daí comentários como este, que serão uma constante ao longo do texto: "mulher que não é fêmea nos fogos do corpo, essa é que não floresce de alma nos olhos, e é seca no coração..." (p. 250).

Símbolo de transitoriedade, sucessão entre a vida e a morte, o feixe de lenha torna-se, assim, o elo entre as duas personagens. O entendimento recíproco estabelecido entre elas deu-se não somente pela singularidade do aspecto físico de Dona Rosalina ("O rastro de alguma beleza que ainda se podia vislumbrar", p. 235), como observou Benedito Nunes no texto supracitado. Outros indícios viriam à tona sugerindo um antigo laço de amizade entre eles: quando Rosalina diz ao jovem "... você também caiu num desencontro.. Ou me engano?" (p. 241), não estaria estabelecendo um paralelo entre a situação de ambos, e entre estas situações a transitoriedade da vida?

E assim termina a primeira parte da novela. Os acontecimentos narrados, que se sucederam ao longo de cinco dias, marcariam o restante de sua permanência no vilarejo (aproximadamente um ano) e por isso foram vistos em detalhes.

Voltando para casa, Lélío contemplou raios na Serra do Rojo (rojo: rubro, incandescente). Tempestades prenunciam mudanças. É o que veremos a seguir.



“E tantas coisas tinham se passado, que deixavam na gente menos uma tristeza marcada, do que a ideia de uma confusão tristonha” (p. 244). A presença de expressões como “a gente” esclarece o foco narrativo: contada em terceira pessoa, a história tem um narrador que assume como ângulo, como ponto de vista, o foco externo subjetivo. Externo porque se mantém fora dos fatos que estão sendo narrados (o narrador não é uma personagem envolvida na história); subjetivo porque é capaz de depreender o interior das personagens (narrador onisciente). Seu foco de consciência é, todavia, parcial, visto que é apenas com Lélío que o narrador se identifica intimamente: é a única personagem que é “adentrada” ao longo da narrativa. Seria a “visão com” na teoria de Pouillon: “É ‘com’ ele que vemos os outros protagonistas, é ‘com’ ele que vivemos os acontecimentos narrados” (1974, p. 54). Logo, comentários como o supracitado traduzem o pensamento da personagem principal: este “a gente” é proferido por Lélío, não pelo narrador.

O distanciamento obtido por meio da narração em terceira pessoa é corroborado pela utilização do tempo verbal no pretérito-imperfeito. Como observou o crítico francês mencionado,

[...] o recurso [do imperfeito] torna possível apresentar a ação como um espetáculo. [...] não se trata de um sentido temporal, mas, por assim dizer, de um sentido espacial; ele nos distancia do que estamos olhando. Não quer isto dizer que a ação esteja passada, pois o que se pretende é, pelo contrário, fazer-nos assistir à mesma; significa que ela está diante de nós, à distância, sendo justamente por isto que podemos presenciá-la (1974, p. 115).

Ainda que a primeira e praticamente toda a segunda parte da novela tenham um caráter de flashback, o início do segundo segmento e o último, que a priori constituiriam o “presente” da narrativa, também são narrados no tempo imperfeito.

Constata-se que um longo tempo se passou: embora a segunda parte do texto se inicie de um modo semelhante à primeira – “Na entrada-das-águas, subir de outubro...” (p. 244) –, pela série de comentários tecida pelo narrador observamos que um tempo relativamente extenso decorreu desde a chegada de Lélío ao Pinhém: “a Jiní, o Tomé, o J’sé-Jórjo, o Ustavo, Seo Senclér e Dona Rute, não estavam lá mais. Quando um boi matara o Ustavo...[...] Aristó, capataz de Seo Senclér, agora ficara

sendo capataz de Seo Amafra e do encarregado Dobrandino,...[...] Pernambo, que passara a dormir em casa das Tias..." (p. 245). Tais reflexões apossaram-se de Lélío durante o caminho que o levava à casa de Dona Rosalina. Acreditava que havia chegado o momento de partir. Se ainda não o fizera, fora por causa dela: "[...] ele vinha, voltava à casa dela, conforme não podia deixar de vir. Carecia. Desde o princípio" (p. 249).

Neste ponto o narrador retoma a história de Lélío desde o fato narrado no final do primeiro segmento. Sendo assim, esta segunda parte consiste na narração da vida de Lélío desde aquela semana até o momento "presente": a caminhada de Lélío do Higino à casa de Dona Rosalina. É como se ele estivesse repassando a sua vida enquanto percorria aquele trajeto.

Durante o ano em que permaneceu no Pinhém, a vida sentimental de Lélío foi marcada pela presença (física ou mental) de várias mulheres: a Mocinha do Paracatu, as Tias, Jiní, Mariinha, Manuela, Chica e Dona Rosalina. Estabelecendo com algumas delas uma relação estritamente carnal (como com as Tias e Jiní) e com outras uma convivência amical (como com as três mocinhas do vilarejo – Mariinha, Chica e Manuela – às quais se ligou de forma um pouco diferente de amizade, forçando em alguns momentos o surgimento do amor), descobriu em Dona Rosalina a síntese do que procurava.

Para chegar até aquele momento, Lélío trilhou um longo caminho: confrontando inicialmente a sua relação com as Tias com a sensação de pureza que encontrava na companhia de Dona Rosalina, foi-lhe necessário que a velhinha esclarecesse a ausência de oposição entre pureza e amor carnal para que Lélío se desfizesse desse sentimento de culpa: "Ora, meu Mocinho, você é homem, carece. Elas são pessoas, Mas, deve de não ficar atormentando cabeça, depois, porque foi" (p. 250).

A elucidação desta dúvida que o atormentava permitiu-lhe viver, a partir de então, uma vida sexual mais intensa e prazerosa, sem sentimentos de culpa. O sexo passou a ser visto como fonte de prazer, e não de pecado ("Voltava às Tias.", p. 259). O mesmo se sucedeu com o relacionamento tempestuoso vivido com a negra Jiní. Ligação de caráter exclusivamente físico ("Não via o mingo amor, não sentia que ele fosse para ela uma pessoa, mas só uma coisa apreciada no momento, um pé de pau de que ela carecesse", p. 255), se despertou em Lélío sentimentos de culpa ou remorso, isto deveu-se à amizade que tinha por Tomé, marido dela, pela desconsideração que julgava estar creditando a ele, e não propriamente devido ao relacionamento estabelecido. Atingindo o ápice no verão (daí o ardor da paixão?), o envolvimento entre Lélío e Jiní é realçado pelo calor da estação: "ele ... ardia naquela ânsia d'a hora chegar.. No lusco, a Jiní estava de branco, sentada na beira da laje; ficou em pé feito

fogo” (p. 254). Sendo Apolo o deus solar, o que temos é uma relação dominada pelo físico, e não pelo espírito. O desejo incontrolável de Lélío em ter Jini não pode, seguramente, ser caracterizado de racional. O dado que queremos enfatizar é a ausência de sentimento, de algo que extrapole a dimensão física da ligação existente entre os dois: como não supera a dimensão do amor carnal, o relacionamento estava condenado ao fracasso. Mas o amor carnal, que, em Guimarães Rosa, “gera o espiritual e nele se transforma” (NUNES, 1969, p. 157), se apresenta igualmente como condição intrínseca, mola propulsora para o alcance de uma harmonia, de um amor verdadeiro.

Tanto quanto o amor de Jiní – limitado na esfera sexual -, o amor pela Mocinha do Paracatu também só podia malograr. Aprisionado no domínio do espírito, não mantinha vínculos com a realidade da personagem. A notícia trazida por um vaqueiro que passou pela região – João Chopém – de que Sinhá-Linda teria seguido rumo ignorado representou para Lélío uma autêntica libertação: “Se ela se fora, por aí, por essas lonjuras do mundo, então estava tão perto dele, de um modo que não doía. Agora, que a perdera ganha” (p. 305). Apenas com a certeza da perda é que Lélío foi capaz de apreender a dimensão do que sentia (e do que não sentia). “O amor tenteia de vereda em vereda, de serra em serra... Sabe que: o amor, mesmo, é a espécie rara de se achar...” (p. 305), lhe disse Dona Rosalina.

Os diálogos mantidos com a velhinha foram determinantes na evolução da personagem principal. A decisão final de Lélío deve em grande parte ser creditada ao aprendizado adquirido de frases como “Tudo está certo, meu Mocinho. Tudo vale é no fim. Guarde tua coragem...” (p. 257), “A única coisa que tem importância é o sentimento fundo de cada um, meu Mocinho” (p. 276), “Ruindade é pressa, meu Mocinho. Pressa de qualquer coisa...” (p. 284).

A festa de Natal, dada por Seo Senclér para todos os seus empregados, prenuncia o final da novela. “Festa, meu Mocinho, é o contrário de saudade... (...) estamos precisando mesmo é de festa: que é um arremedo de anticipo...” (p. 260) já observara Dona Rosalina. Os casais que dançaram terminaram unidos no final da narrativa: Delmiro/Chica, Lidebrando/Benvinda, Mingolo/Adélia Baiana, Fradim/Drelina, Lélío/Lina. Embora seguindo caminhos diferentes, a dança de Seo Senclér e Mariinha também aponta o amor incomensurável que esta sentia por ele e que, até aquele momento, não era do conhecimento de ninguém.

O tempo passava. No fim de janeiro, Lélío partiu em direção ao gado fugidio. Sentiu saudades.

[...] foi aprendendo a pensar nela [Manuela] com os carinhos novos, e achava que, se tudo ia aos poucos ficando livre entre eles dois, então era porque aquele amor estava mesmo em seu destino se propondo. [...] Tinha saudade também de Dona Rosalina – que havia de ser a madrinha melhor. Mas seu corpo sofria falta forte da Jiní. [...] E quase não pensava na Sinhá-Linda (p. 270).

A importância de cada uma destas mulheres em sua vida começava a tomar um contorno mais definido. Situando-se entre a “santidade” da Mocinha do Paracatu, “tão fora de alcances, tão impossível” (p. 277) – desejo concretizável apenas na esfera dos sonhos – e o amor por Jiní, vazio de sentimento mas ardoroso na carne, Lélío não conseguia discernir o meio-termo. A questão apresentou-se a ele de uma maneira mais prática no momento em que Canuto proferiu palavras que feriam a honra de Manuela, moça com quem Lélío cogitava uma ligação. Expondo a Dona Rosalina este assunto, mais uma vez esta se apresentou como mediadora, como conciliadora dos fatos: era ela irmã de uma freira e uma prostituta; ambas “escolhidas, consagravam-se de corpo (uma) e alma (outra) ao que fizeram. “Agora eu, que estou aqui, fiquei mais ou menos no meio...” (p. 276). Não seria ela a própria encarnação do amor supremo, fusão do desejo da carne com a aspiração de espírito?

Assim constituiu-se o aprendizado de Lélío do Higino: nas palavras de Dona Rosalina, no seu contato com os homens do campo (observando, por exemplo, que era capaz de despertar sentimentos antagônicos, ambos sem motivo, no ódio do “fechador” de pastos Jó-Cõtõte e na estima de J’sé-Jórjo) e no desenrolar dos fatos (notando como as mulheres que por ele passaram estavam seguindo, cada uma delas, o seu próprio caminho: Jiní se fora, Manuela e Chica ficaram noivas, Mariinha guardara o seu amor por Seo Senclér, Sinhá-Linda também fora embora), ele percebeu que havia chegado o momento de partir: “Andando os dias, entanto, tomou-o a vontade de ir embora do Pinhém. Precisava de outra parte. [...] Agosto caminhava.” (p. 306).

“Tinha vivido, extrato, no Pinhém – demais, em tempo tão curto. [...] Outubro acabava.” (p. 308-309). Outubro. Um ano se passara. Completava-se o ciclo: hora de renovação. Novas chuvas chegaram e, com elas, os novos rumos. E assim termina o segundo segmento.



A terceira e última parte relata a partida de Lélío e Dona Rosalina. A trajetória iniciada por Lélío rumo à casa dela (que inicia a segunda seção da novela) fica implícita neste momento: “O que era, o que vinha a ser essa decisão, assim achada, entre eles dois, o que tudo tinham conversado, nas vésperas” (p. 310). Partiram. “Dona Rosalina estava com o vestido verde-escuro, chapéu da mesma cor, com a grande pluma de pássaro... [...] Lélío com a sua roupinha bem tratada; só o chapéu-de-couro baixava muito, maior que a cabeça do dono” (p. 309).

A descrição da partida de Lélío assemelha-se muito à de sua chegada, mas esta semelhança é aparente, visto que apenas no nível externo. Lélío foi embora acompanhado – inclusive de Formôs, que “corria adiante, latindo sua alegria” (p. 311), opondo-se à tristeza com a qual chegara – e com rumo definido: o Peixe-Manso.

Vestida de verde, Dona Rosalina representa a mediação, o ponto de equilíbrio que tanto Lélío procurou durante o período em que esteve no Pinhém. Símbolo de polaridade (contém em si o verde do broto e o verde do mofo, o verde dos buritis e o verde dos olhos de Jini), Rosalina é a própria síntese da vida e da morte.

“Olharam para trás: a estrela d’alva saiu do chão e brilhou, enorme. Olharam para trás: um começo de claridade ameaçava, no nascente; beira da lagoa, faltava nada para as saracuras cantarem. Olharam para trás: o sol surgia” (p. 311). Em sintonia com a estação do ano (primavera), a aurora representa o próprio nascimento; é o recomeçar. Se a chegada de Lélío se deu no horário do crepúsculo (associado ao declínio), a aurora associada à primavera reforçam na partida das duas personagens a vitória da vida sobre a morte: é o apagamento da velhice (anulando-se a diferença da idade), é o símbolo do *copulatio*: ambos estão livres para seguirem sua viagem, sua “boda mística”, como definiu Benedito Nunes.

Apoiados no conceito do platonismo, encontramos em Dona Rosalina a parte mais alta, o cume da escalada efetuada por Lélío durante o tempo em que viveu no Pinhém. Disse Diotime a Sócrates, em *O Banquete*:

[O homem deve,] desde a mocidade, contemplar os belos corpos. Cumpre-lhe, antes de tudo, se o iniciador o guia pelo caminho conveniente, que ame a um só e, a propósito deste, engendre belos discursos. Deve depois compenetrar-se de que a beleza que se encontra em todo o corpo belo é irmã da que se encontra em qualquer outro. Com efeito, se o belo deve buscar-se no conceito geral que dele formamos, seria tolo duvidar de que toda a beleza corporal seja idêntica e uma em todos os

corpos belos, despojar-se de toda paixão violenta que se concentre em um só, votá-la ao desprezo, tê-la em pouca conta. Deve ainda reputar a beleza da alma como de maior valia que a do corpo. De sorte que uma bela alma, ainda que de poucos atrativos corporais, baste a despertar-lhe amor e solicitude, inspirando-lhe discursos apropriados e a tornar melhor a mocidade”, (PLATÃO, 2010, p. 57).

Dando ao seu mocinho “uma forma de amor mais completa, mais ampla, que sumariza os seus passados amores, e que tem o poder de sublimar o impulso amoroso do vaqueiro, disperso em paixões várias” (NUNES, 1969, p. 169), Rosalina encarna a própria Diotime, símbolo e expressão do eterno feminino – guia do homem rumo à transcendência e o sublime.

“Queria já ter vivido muito mais, senhor aproveitado de muitos rebatidos anos, para poder ter maior assunto em que se reconhecer e entender” (p. 183), lamentava Lélío consigo mesmo, na noite de sua chegada ao Pinhém. Um ano depois, acompanhado de Lina – mãe/amiga/amante – Lélío partiu feliz: encontrara o seu destino.

NOTAS

¹ Mestre em Letras (Língua e Literatura Francesa) pela Universidade de São Paulo e doutorando pela mesma instituição. Professor de Literatura Francesa da Universidade Federal de Sergipe.

² Doravante, em todas as citações do romance de Rosa constará apenas o número da página da edição utilizada.

³ Cantiga da garvaia, de Paio Soares Taveiros.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. ; BÉJIN, A. (Org). *Sexualidades Ocidentais*. Tradução de Lygia Araújo Watanabe e Thereza Christina Ferreira Stummer. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSI, A. “Céu, Inferno” e “A interpretação da obra literária”. In: *Céu, inferno*. Ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Ática, 1988. p. 10-32, 274-287.

CANDIDO, A. “A personagem do romance”. In: CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. São

Paulo: Perspectiva, 2009. p. 53-80.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

COELHO, N. N. *A literatura infantil*. São Paulo: Quíron, 1984.

KRISTEVA, J. *Histórias de amor*. Tradução de Leda Tenório da Motta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LEITE, D. M. *Psicologia e Literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2003. (Coleção Dante Moreira Leite).

NUNES, B. "O amor em Guimarães Rosa". In: *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969. p. 143-203.

PLATÃO. *O banquete*. In: *Apologia de Sócrates, o Banquete e Fedro*. Tradução de Edson Bini e Albertino Pinheiro. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.

POUILLON, J. *O tempo no romance*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1974.

ROSA, J. G. *No Urubuguaguá, no Pinhém*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SPINA, S. *A lírica trovadoresca*. Rio de Janeiro: Grifo/Edusp, 1972.

_____. *Do formalismo estético trovadoresco*. São Paulo, Boletim da Cadeira de Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo, vol. 16, 1966.

TODOROV, T. *Symbolisme et interprétation*. Paris: Éditions du Seuil, 1978.